SEIS REFLEXÕES SOBRE O AGRO

PAULO HERRMANN
Presidente da John Deere Brasil e vice-presidente de Vendas e Marketing da John Deere para América Latina



A AGRICULTURA nacional foi da dependência para a vanguarda produtiva em poucas décadas. Isso não se deu por mero acaso, mas por uma conjunção de fatores: inovação, políticas públicas, alta tecnologia – somados com localização tropical e coragem dos produtores. Listamos alguns elementos desse salto qualitativo e quantitativo:

- Na década de 1970, lembramo-nos dos agricultores pioneiros do plantio direto, como Herbert Bartz, Nonô Pereira e Franke Dijkstra, dentre outros. Naquela época, não havia a iniciativa privada, nem a Embrapa ou os centros de pesquisa estaduais para apoiá-los no uso desta tecnologia conservadora de solo e água. Mesmo com iniciativas feitas no "peito e na coragem", isso abriu o caminho para mais de dois cultivos anuais em uma área.

- Duas décadas depois, tivemos nova revolução: o plantio do milho 2ª safra com aproveitamento residual do adubo da 1ª safra. Contamos com a biotecnologia aplicada na genética das sementes, e a safrinha foi amplamente adotada: hoje, 60% da produção de milho na safra 2015/16 vieram dela. A propriedade ampliou a sua capacidade de gerar receita.

- Para seguirmos, temos novos desafios, como, por exemplo, as pastagens degradadas. Apesar do potencial para crescer, sejamos realistas: é pouco provável que toda essa área – entre 150 e 200 milhões de hectares – seja transformada em local para cultivo de grãos. Temos restrições ambientais, grandes dispêndios para recuperar tudo e as deficiências de infraestrutura e logística. Além disso, sem uma visão adequada da realidade agrícola, a sociedade urbana exerce pressão para a resolução desse passivo.

- A melhor resposta para resolvermos é a intensificação sustentável das propriedades. A revolução tropical é produzir e preservar, mas é importante o agricultor não ficar na fase de tentativa e erro ao aderir à integração. Por isso, criamos uma Rede para fomentar a integração lavoura-pecuária-floresta, mediante uma associação de empresas. Seu objetivo é apoiar a difusão do conhecimento desenvolvido pela Embrapa, como ponto de apoio para os agricultores fazerem o processo de gestão em suas propriedades. O suporte é necessário, pois os modelos de gestão disponíveis nas áreas de ensino, crédito e trabalhista foram elaborados (ou consolidados) há mais de cinquenta anos.

- O universo agrícola, que se integra e profissionaliza, ganha complexidade. Há, também, outros pontos. Os currículos das escolas e das faculdades agrícolas precisam introduzir disciplinas para os alunos aprenderem a administrar as atividades dentro da porteira. Temos em vigência uma legislação trabalhista – uma obra-prima pensada pelo presidente Getúlio Vargas –, porém voltada para o trabalho na cidade. Com uma série de emendas posteriores, passou a regular, também, o campo, mas com desvios: o "dia útil" é diferente entre os trabalhadores rurais e urbanos.

- A integração desse sistema necessita de um aspecto crucial: qualificação. Em uma propriedade cultivadora de grãos, por exemplo, o trabalhador realiza as atividades de plantar, fazer tratos culturais e colher. Se introduzirmos a bovinocultura ou a fruticultura, a configuração muda. Assim, precisamos de mecanismos para capacitar a extensão rural privada e dar assistência aos agricultores que optarem por esse modelo. ■

JOHN DEERE